

**José Manuel Moran Costas**

**Educador humanista e inovador<sup>1</sup>**

Maria Luiza Cardinale Baptista<sup>2</sup>

A vida acadêmica é cheia de emoções, encontros, desencontros, desafios. Tenho vivido cada momento, buscando compreender sua intensidade, seu “texto-vida”, que me instiga a saber mais, não só teorias, práticas e processos, mas compreender também as tramas existenciais que vão se costurando, entrelaçando, num tecido-texto humano de seres aprendentes, que vão se mesclando e, desse modo, reinventando a si mesmos e, claro, o conhecimento, a Ciência. Penso que o encontro com José Manuel Moran Costas é um dos mais marcantes da minha vida de “ser aprendiz” da Comunicação. Cada cena, cada momento com esse professor estudioso, apaixonado por educação e por comunicação, me provocou a refletir, a rever, a reinventar as concepções que eu tinha, resultando (re)direcionamentos de uma vida inteira de educadora em Comunicação Social.

Foi assim comigo e, certamente, com muitos que passaram

---

<sup>1</sup> Fortuna Crítica da Intercom - Visionários  
Vol. 5 – Coleção Fortuna Crítica  
Osvando J. de Moraes, Iury Parente Aragão, Roseméri Laurindo  
Tyciane Cronemberger Viana Vaz (Orgs.)  
São Paulo, Intercom, 2014, pag. 93-117.

<sup>2</sup> *Jornalista, pela UFRGS, mestre e doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Mestrado em Turismo da UCS (BRASIL). Diretora da empresa Pazza Comunicazione, de Porto Alegre (BRASIL).*

pela experiência de conviver com o professor Manolo Moran, como era carinhosamente chamado, por estudantes de graduação e pós, quando o conheci na Universidade de São Paulo, na virada do anos de 1980 para os de 1990. Nesses muitos anos de atuação em processos de ensino-aprendizagem, ele esteve à frente de grupos em diversos ambientes presenciais e virtuais, como educador e como gestor. É uma das principais referências, quando se trata de discutir a combinação educação, comunicação e novas tecnologias, sob uma perspectiva que ele mesmo chama de “educação humanista”, o que já remete à sua formação jesuíta.

Voz meio rouca, jeito suave de falar, marcado pelo acento espanhol, que ainda permanece, mesmo depois de tantos anos vivendo no Brasil. Ele nasceu em Vigo na Espanha e naturalizou-se brasileiro em 1988. Vigo é uma cidade no norte da Espanha, perto de Portugal, um porto de mar, lugar de pesca. O pesquisador traz a marca, na vida, de quem passou por várias mudanças, várias desterritorializações e, nesse sentido, a experiência de encontrar “o mundo do Outro”, encontrar e aprender a respeitar as diferenças.

José Manuel Moran Costas é um daqueles pesquisadores que expressam humanidade em cada detalhe da sua presença. Hoje com 67 anos, Manolo Moran traz uma história de dedicação à Educação e à Comunicação. Concluiu a graduação em Filosofia na Faculdade Nossa Senhora Medianeira, em 1971; o mestrado (1982) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1987). Até 2013, foi Diretor do Centro de Educação a Distância da Universidade Anhanguera Uniderp. A partir de 2014, passou a trabalhar como consultor para Projetos Educacionais, dedicando-se à produção de projetos inovadores e às palestras para difusão desses projetos. É professor aposentado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Define a sua experiência, como envolvendo a “área de Comunicação e Educa-

ção, com ênfase em inovações na educação presencial e a distância, com apoio das tecnologias” (MORAN COSTAS, informação verbal, 2013).

Pesquisador de mudanças na educação presencial e a distância, ele afirma que seu foco é “contribuir para tornar a escola e a universidade mais atraentes, inovadoras, empreendedoras e acolhedoras, focando mais a pesquisa, a interaprendizagem, os valores humanos e as tecnologias digitais”. Não é pouca coisa, mas talvez seja o cerne da importância e do potencial de sobrevivência das organizações educacionais e do processo educacional, como um todo. Moran Costas dedica-se a mostrar que a escola é possível, desde que seja reinventada. Essa reinvenção passa pelo uso adequado de novas tecnologias, mas, mais que isso, pela renovação da condição de humanidade nas relações de aprendizagem, pelo reconhecimento do valor dos saberes dos estudantes e relativização do “lugar” do professor, com o desmonte da lógica iluminista. O pensador vai ensinar que o melhor professor é aquele que convive, compartilha, provoca, instiga, desencadeia processos de aprendizagem, sem a pretensão de ensinar, pelo simples oferecimento de uma enorme quantidade de conteúdos.

Neste texto, a opção de escrita começa pela narrativa, no sentido de contação da história da aproximação com o pensador José Manuel Moran Costas. As cenas iniciais de contato com o educador já sinalizam aspectos dos seus traços profissionais e humanos. São cenas que trazem o olhar das pessoas pra ele e, nos detalhes, nas minúcias, o encontro com uma prática humana de acolher e educar, em processos de aprendizagem integradores e mobilizadores dos afetos.

Depois dessas cenas iniciais, apresento as marcas da trajetória, informações sobre a formação e a história de vida, que foram constituindo o pesquisador e direcionando seu olhar, suas ênfases profissionais e teóricas. A seguir, são apresentadas quatro linhas principais do pensamento do autor, buscando trazer um pouco da essência desse pensamento e de sua contribuição para o pensamento e

prática educacional e comunicacional.

### **Cenas de Aproximação com o Educador Humano**

Era 1988. Eu trabalhava no Rio Grande do Sul, como chefe de reportagem da Central do Interior do jornal Correio do Povo, coordenando 21 repórteres em todo o estado do Rio Grande do Sul. Entendi que tinha chegado o momento de avançar, de aprender mais. Percebi que fazia o meu máximo, o máximo do que eu sabia, do que tinha aprendido na Universidade e na vida. O tempo de assessora de imprensa da Central Única dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul também me trouxera inquietações. Ampliava-se, em mim, a consciência do compromisso do comunicador social, no sentido de oferecer informações de qualidade para a sociedade e conhecimento a respeito dos processos comunicacionais.

Tratava-se, já naquele momento, da compreensão de que a Comunicação Social também educa, provoca, aciona o sujeito para algumas ações e para outras, não. Nesse sentido, decidi estudar a relação do metalúrgico de Porto Alegre com a telenovela e com a comunicação do sindicato, a partir das noções de desejo e espelho, para entender porque a telenovela, que aparentemente se destina ao entretenimento, consegue envolver e mobilizar as pessoas para as ações as mais diversas e a comunicação do sindicato, que se destina à mobilização e conscientização, tantas vezes não consegue fazer isso.

Quando procurei o professor José Manuel Moran, eu não o conhecia pessoalmente.

A indicação tinha sido feita por uma funcionária da secretaria da ECA, chamada Lourdes, em um dos contatos presenciais que fiz, buscando informações sobre o processo de seleção e orientador. Eu queria estudar na USP. Minha condição de paulista de nascença foi construindo a ideia de que teria que estudar na Universidade de São Paulo. Quando escolhi o Jornalismo, pensei que a ECA era o meu destino. Na graduação, isso não foi possível. Mudei-me

para o Rio Grande do Sul. O mestrado era minha chance de resgate. Em terras gaúchas, me aconselharam a desistir. Era longe, difícil equacionar o deslocamento, a mudança. “Olha, Malu, o pessoal da USP já sai da graduação com vaga reservada com o orientador. Você acha que você vai conseguir um orientador, morando no Rio Grande do Sul?”, disse um amigo, preocupado com o “meu sonho”, com a força do meu desejo. Eu respondi: “Olha, quanto tempo vai demorar, eu não sei, mas sei que, se não tentar, não vou conseguir mesmo”. Bem, Hz contato com outros professores, o nível de exigência era muito grande. Meu projeto era “singelo” do ponto de vista teórico, para ser eufemista. Eu já tinha consciência disso na época e hoje tenho muito mais. Era uma boa ideia, mas faltava consistência teórica e metodológica.

A secretária da Pós-Graduação da ECA perguntou a temática da minha pesquisa. Eu afirmei: “Telenovela”. Ela: “Quem vai ser teu orientador?”. Eu: “Ainda não sei, Hz alguns contatos, com alguns professores, mas não está fácil conseguir vaga”. Ela então me disse: “Por que você não tenta falar com o professor Manolo, ele trabalha com televisão e é muito bom, atencioso, humano e é orientador novo”. Perguntei: “Você está me dizendo que ele tem vaga?”. Ela respondeu: “Não, não posso dar esse tipo de informação”, e sorriu. Naquele momento, pedi o telefone do professor e isso acabou definindo meu mestrado e, também, reforçando os direcionamentos dos meus estudos, no sentido de busca de uma comunicação inovadora e humana, voltada para o que eu defino hoje como amorosidade nas relações educacionais.

Percebo que a fala da secretária sinalizava características básicas do educador “muito bom”, no sentido de competente, dedicado, esforçado; “atencioso”, “humano”, no sentido de que é alguém que se preocupa com o aluno e se empenha para ajudar, verdadeiramente a provocar processos de aprendizagem respeitosos, que se pautem pelo “encontro e respeito com o Outro, como legítimo Outro na

convivência”, que é a concepção de amorosidade com a qual trabalho, a partir da noção de amor de Humberto Maturana (1998).

No encontro com Manolo, desde o primeiro contato ao telefone, até nosso primeiro encontro na ECA, tive o que se pode definir por “acolhimento”, me senti acolhida, na minha condição de aprendiz pesquisadora, de alguém que tinha na bagagem, principalmente, desejo, muito desejo e saberes vividos, muito mais que pensados, sistematicamente na sua dimensão teórica. Tudo em mim estava para ser feito, em termos da construção da pesquisadora, com “teórica” condizente com o nível do mestrado. Por sorte e graça, deparei-me com um pesquisador que reconheceu isso e reconheceu que isso tinha valor, que depois foi me ajudando a compor o novo projeto, a pesquisa, a dissertação. Na nossa conversa na ECA, que definiu a vaga pro mestrado, sua fala foi cordial, as perguntas respeitavam o que ele já tinha visto no meu projeto, minha fundamentação teórica ainda “rasa”. Ele, então, direcionou os questionamentos para checar meu desejo e meu comprometimento com o projeto “mestrado”. Em um determinado momento, ele me perguntou: “Maria Luiza, por que você quer fazer mestrado?”. Eu repeti a pergunta: “Por quê?”. Ele: “Sim, por que, qual é a sua intenção com essa pesquisa, com o curso de mestrado mesmo?”. Eu respondi: “Bem, quero fazer mestrado para realizar uma pesquisa que ajude a compreender algo que interessa aos trabalhadores, às pessoas mais simples. Quero colocar meu conhecimento a serviço da sociedade. Não quero pesquisar apenas pelo título ou para colocar mais uma dissertação na biblioteca. Quero algo que me ajude a entender a vida e que me ‘ajude a ajudar’ as pessoas a entenderem a vida, nos seus aspectos de Comunicação”. Ele sorriu. Percebo que sintonizamos naquele momento, na dimensão ética e comprometida de produção do conhecimento, a comunicação e a educação.

Eu o vi também auxiliar vários outros colegas, frequentei suas aulas e partilhei

os processos de aprendizagem que ele desencadeava com grupos de pós-graduandos. As aulas eram marcadas pela apresentação de objetivos e roteiros-base, como trilhas referenciais, que previam uma boa parte do semestre a cargo das produções dos alunos, orientadas pelo professor. Ali mesmo, pude observar que ele desocupava o centro e se colocava em “roda de conversa” conosco, estimulando, provocando e também aproveitando o que cada um e cada grupo trazia. Era uma aula diferente, justamente pela “desterritorialização” do lugar do professor. Ali, o professor não era “aquele que professa”, tampouco nós éramos “alunos”, no sentido etimológico “sem luz”. Eu sentia que era uma proposta diversa, mais madura, ainda que bastante desafiadora do ponto de vista da sistematização de conteúdos, de processamento do mar de informações.

Também me chamou a atenção o contato com conhecimentos ligados a processos e projetos de aprendizagem inovadores e humanistas, de experiências latino-americanas. Então, ao mesmo tempo em que discutíamos tecnologias e aprendizagem no cenário da época, década de 1990, éramos convidados a refletir sobre experiências integradoras, com viés de mobilização de um pensamento crítico em relação aos meios de comunicação, de uma educação para os meios, também me senti provocada a pensar a América Latina, como o território de onde olhamos o mundo e aprendemos, o apreendemos. A América Latina como o nosso território de produção de conhecimento comunicacional e educacional. Os títulos Educação humanista inovadora, Tecnologias na Educação, Educação a Distância e Desafios na comunicação pessoal são trilhas apresentadas pelo próprio autor, em sua página pessoal, como trilhas sinalizadoras e sintetizadoras do rumo do seu pensamento.

### **Marcas da Trajetória de um Pesquisador Humanista**

José Manuel Moran viveu em Vigo, onde nasceu, até os 10 anos. Depois,

foi para o Colégio interno, onde fez o Ensino Fundamental e Ensino Médio, em León, norte da Espanha. Lembra que a direção do colégio escolhia alguns estudantes que aparentavam ter condições de seguir carreira religiosa, o que foi incentivado pela família, principalmente pela mãe e avó. Com 16 anos, em 1962, entrou para o noviciado, o que é chamado de provação, em Salamanca. Depois, fez o juniorado, que corresponderia ao curso de Letras. Tinha a opção de cursar Filosofia. Havia, então, na época, um convênio entre a Espanha e parte do Brasil. Em função desse convênio, em 1967, Moran veio para o Brasil cursar Filosofia, em São Leopoldo, em uma faculdade dos jesuítas, chamada Nossa Senhora Medianeira Brasil. Nesse meio tempo, entre os ajustes de semestre, fez seis meses de estudos em Milão, sobre Televisão e Cinema.

O Curso de Filosofia, no Brasil foi sendo feito, com o aproveitamento de créditos dos estudos clássicos que havia cursado na Espanha. Concomitantemente com os dois últimos anos, ele foi para Buenos Aires, onde começou a estudar Televisão, na Universidad del Salvador. Nas férias, viajava para o Brasil e fazia cursos de férias, na faculdade de Filosofia, para ir terminando os créditos faltantes.

Moran conta que foi em Buenos Aires onde teve a primeira crise, em relação a seguir a vida religiosa, como jesuíta. “Comecei a me questionar. Foi um período difícil, uma decisão difícil, mas acabei optando por seguir em outra direção”, afirmou. Quando voltou ao Brasil, foi para São Leopoldo, cursar Bacharelado em Teologia, no Colégio Cristo Rei, uma das instituições que resultaram na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Quando faltava um ano para ser licenciado, Moran já podia se ordenar, mas decidiu abrir mão da vida religiosa. Lembra que foram questionamentos difíceis, porque, durante todo o tempo de estudo com os jesuítas, vivia num mundo à parte, em certo sentido “protegido”. Teve, então, que enfrentar muitas mudanças. Seus planos, na época,



envolviam o projeto de continuar em Porto Alegre, já que tinha sido contratado para dar aulas na Unisinos e na Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Isso ocorreu até que um colega sugeriu que ele fosse fazer mestrado na ECA. A ideia pareceu interessante, ele conseguiu a vaga, mas pensava, inicialmente, em voltar para Porto Alegre, o que acabou não ocorrendo. O tempo do Mestrado foi decisivo para que ele construísse raízes em São Paulo, o que ele comenta, brincando consigo mesmo e com suas escolhas: “não foi sinal de inteligência”.

Durante o período do mestrado, ele conheceu sua primeira mulher e os dois tiveram o primeiro filho. Nesse tempo, o pesquisador começou a conciliar a pesquisa com aulas em faculdades locais, como a FAAP, Anhembi Morumbi, a Escola Superior de Propaganda. Ele também fez um estágio na TV Cultura.

Então, seguiu fazendo o mestrado e lecionando, para sustentar a família. Seu orientador foi Paulo Emilio Sales Gomes, que era crítico de cinema e ligado à elite cultural de São Paulo. Ele era casado com Lígia Fagundes Teles. Moran fala com carinho do orientador e das conversas de orientação que foram consolidando uma amizade forte. Nesse sentido, salienta o quanto foi difícil a morte desse professor, durante o processo de orientação e, também, seguir fazendo a pesquisa e a dissertação. A dissertação era sobre televisão, sobre contradições e perspectivas, o que fazia com que a visão do intelectual ligado à esquerda contribuísse muito. Moran conta que, depois da morte do orientador, demorou a conseguir retomar a dissertação. Em 1982, concluiu o Mestrado, defendendo a dissertação, com o título *Contradições e Perspectivas da Televisão Brasileira*.

Moran também participou de uma série de trabalhos com comunidades e escolas sobre a leitura dos meios de comunicação. Eram trabalhos envolvendo a comunidade, em que eles participavam ativamente, produzindo uma recepção crítica. Também nesses projetos, Moran ia construindo as práticas de envolvimento direto dos sujeitos no processo de produção de conhecimento, conhecimento

que, segundo ele, se produz vivendo ativamente o processo, não apenas 'consumindo' saberes do outro.

Nas recordações, o pesquisador ressalta o tempo de atividades na Universidade Metodista de São Paulo, com professores como José Marques de Melo e Ismar Oliveira. Lembra que havia ali um projeto de Leitura Crítica da Comunicação (LCC), do qual ele foi coordenador e que também marcou sua trajetória acadêmica e profissional como um todo. Conta que as ações do projeto envolviam estudos ligados ao movimento de consciência crítica forte aos meios, como espaço de manifestação das pessoas. "Era de crítica à falta de democratização dos meios de comunicação, crítica a ações da Rede Globo, por exemplo".

Em 1982, Moran iniciou o doutorado que concluiu em 1987. O longo período de curso deveu-se ao fato de que ele seguiu trabalhando, como professor, enquanto fazia a pesquisa. Conta que trabalhou, também, no Colégio Santa Cruz, de São Paulo, que era ligado aos padres canadenses, cuja obra era referência na época. No doutorado, fez uma análise de movimentos de recepção aos meios de comunicação, estudando uma série de projetos, como o projeto Sêneca, do Chile, entre outros. A pesquisa e seus trabalhos nos movimentos e como professor seguiam na direção de uma perspectiva de alfabetização para as mídias, de compreensão de como ocorre a midiaticização das informações, então, no sentido de crítica aos meios de Comunicação Social.

Em 1985, Moran começou o trabalho como professor da ECA/USP, em tempo parcial, e, em 1989, assumiu o cargo de professor em tempo integral na instituição. Lembra que gostava muito de trabalhar nas outras universidades, como a Metodista, mas o deslocamento se tornava pesado, para o cotidiano. Por isso, teve que optar e se fixou como docente do Centro de Televisão e Rádio (CTR). Aposentou-se na USP, na virada de 2001 para 2002.

Dos estudos de recepção, Moran migrou para os estudos de tecnologia na

educação. Participou ativamente do lançamento de um dos grandes projetos da ECA/USP ligado à temática, que se chamou Escola do Futuro, em parceria com o professor Frederic Litto. Só que a visão de aproveitamento das tecnologias no ensino não ofuscou uma preocupação maior com o processo de aprendizado, que teve como fonte a educação humanística da formação jesuíta e, como referencial teórico importante, os estudos de Paulo Freire e Carl Rogers, segundo o próprio Moran.

De Rogers, em especial, a ideia de tornar-se pessoa, com ênfase na comunicação interpessoal e não diretiva. Esse entendimento foi sendo associado à linha humanista da formação jesuítica e também da visão de Paulo Freire. Então penso que daí vem a base da abordagem da comunicação interpessoal, voltada não apenas para a recepção aos meios, mas à educação escolar. Penso que essa perspectiva se constituiu a linha mestra dos meus estudos e da minha ação como educador. (MORAN COSTAS, informação verbal, 2013)

Com o trabalho na Escola do Futuro, Moran seguiu suas atividades em projetos voltados para a análise e desenvolvimento do uso de tecnologias comunicacionais em redes, em processo de apoio de Flexibilização de tempos e espaço.

Essa perspectiva foi sendo desenvolvida em paralelo, na Escola do Futuro e com projetos de aprendizagem com os alunos de pós-graduação na ECA. “Eu ia transformando a aula em projetos de pesquisa, de produção de conhecimento e em processos de transformação da própria lógica e prática de desenvolvimento das relações de ensino-aprendizagem”. Lembra que essa transformação foi sendo feita, a partir de ações simples, como a criação de página para compartilhar textos, a ida do grupo de estudantes para o laboratório de informática, onde se criava outra condição e processo de aprendizagem. “Fui abrindo possibilidades de mescla de momentos presenciais e virtuais, com muita produção, mas

também iniciava um processo em que os cursos deixavam de ser totalmente presenciais, na perspectiva de uma aprendizagem híbrida, que hoje é uma das tendências da Educação”.

Essas atividades e experimentos foram desenvolvidas a partir do ano de 1991.

São ações que levaram à compreensão da necessidade de transformação do processo de ensino-aprendizagem, contemplando o auxílio direto e intenso das tecnologias e, ao mesmo tempo, já sinalizavam para como essas mudanças poderiam ocorrer. Moran diz que a cada ano foi aprimorando, incorporando algumas iniciativas que mesclavam o presencial com o virtual e afirma: “Entre 1996 e 1997, transformei o curso em semipresencial”. A mudança, a inovação, seja ela tecnológica ou nos processos de aprendizagem, em termos de metodologias e pressupostos, também enfrentou resistências. O educador afirma que nem sempre foi bem compreendido por alguns colegas, que estranhavam a desconstrução do modelo de aula, questionando bastante o fato de que se produzia outro tipo de interação com os alunos e ampliava-se a importância das vinculações e produções compartilhadas pela internet. Era a proposição de outro modelo, mas não só pela presença forte das tecnologias de informação e de interação. A novidade também dizia respeito ao modo de vincular-se, humanamente, desconstruindo o lugar central de poder do professor e instalando um processo de redes de aprendizagem em que o professor segue aprendendo em todo o processo, ao mesmo tempo em que o coordena. A força da tradição na formação de alguns colegas, segundo o professor Moran, fazia com que eles estranhassem e até se incomodassem com o modo como ele conduzia os processos com seus alunos. Ao mesmo tempo em que ia percebendo, com os alunos, que estava no caminho certo, enfrentava resistências fortes, difíceis de lidar, às vezes. “Posso dizer cheguei a ficar um pouco marginalizado, em alguns momentos, por parte dos colegas que não compreendiam o que eu estava fazendo e a seriedade da transformação. Mas eu sempre tive

referencial teórico que me sustentasse. Não era um experimento qualquer, mas mudanças orientadas por convicções de vivência e também de teoria”.

Nos anos de 1990, foi aprovada a possibilidade de implantação do Ensino a Distância, pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Moran esteve diretamente envolvido com o processo de implantação da modalidade, em diversas instituições, como avaliador ou consultor do processo. A partir de então, diante da possibilidade concreta de implantação de projetos, houve a necessidade de formação de educadores, em nível superior. Moran iniciou a supervisão de uma série de projetos de educação a distância, o que foi abrindo novos horizontes, tanto no Ensino Superior, como na Educação Básica.

Depois de se aposentar na ECA/USP, Moran desenvolveu atividades na Faculdade Mackenzie, durante dois anos; esteve trabalhando em um Programa de Educação e Currículo, na PUC de São Paulo, e desenvolveu um projeto de Educação Semipresencial, nas Faculdades Sumaré, de São Paulo. “Nessas faculdades, eu trabalhei a ideia de fazer os 20% em todos os cursos e disciplinas. Imagina o que é levar uma instituição, na época, com 3 mil alunos, a mesclar o ensino presencial, abrindo 20% para o processo de virtualização”. Em 2009, as faculdades já estavam com 7 mil alunos. Moran lembra que era um projeto de implantação de algo novo, no sentido de sensibilizar coordenadores, professores, alunos, para desenvolver as atividades a distância.

Atualmente, Moran coordena um grande projeto de Educação a Distância, na Universidade Anhanguera, envolvendo mais de 130 mil alunos de graduação, em um processo amplo de transformação, desde a sala de aula, atividades via internet, redes de interações, um processo de hibridização da aprendizagem, com o apoio das tecnologias e de uma outra visão de interação nas relações.

Em termos de rumos da educação, Moran afirma que se percebe claramente o direcionamento para processos híbridos de aprendizagem. Haverá, inevitavelmente,

a mescla entre o ensino presencial, o online, o virtual, com chats e atividades compartilhadas. Segundo ele, não se justifica que a educação siga sendo desenvolvida com os dogmas e métodos tradicionais apenas. Ele se refere às grandes mutações sociais decorrentes do desenvolvimento tecnológico, indicando o quanto essas mutações também construíram novas possibilidades. Afirma, por exemplo, que através do uso das tecnologias, em algumas áreas podem ser feitas simulações via equipamentos, que evitam, por exemplo, ter que recorrer a animais, como “instrumentos do conhecimento”, como se viu ocorrer amplamente em algumas áreas do conhecimento. Destaca, nesse sentido, o crescimento do virtual e do semipresencial.

O educador enfatiza, no entanto, a necessidade de desenvolver e ampliar metodologias mais ativas, no sentido de envolver os alunos em projetos, em jogos, de tal forma que eles sejam sujeitos do processo, sejam aqueles que pesquisam, que investigam. O professor, nesse processo, orienta, compartilha de modo cúmplice o processo de aprendizagem. “Ele é um tutor, um orientador”, reforça. Segundo o pesquisador, essas mudanças vão afetar o ensino, cada vez mais, em todos os níveis, desde a educação básica, até a educação dos mais adultos, que não puderam estudar ou que estudaram, mas estão voltando para complementar a formação ou para cursar algo que não foi possível fazer, na época da formação na graduação. Lembra que a modalidade tem sido implantada em processos de aprendizagem de atualização, especialização e educação continuada, bem como em modelos semipresenciais, com a existência de sedes polo e modelos online. No futuro, a educação vai ser mais flexível, adaptada ao rumo de cada aluno, ao que ele conhece e seu próprio ritmo de aprender.

### **Educação Humanista Inovadora**

Essa primeira trilha do pensamento e orientação educacional de José Manuel

Moran expressa sua preocupação com os processos educacionais e efetivamente, sua condição de existência e valor para quem a usufrui, para quem a produz. A temática é recorrente em seus textos, mas foi trabalhada especialmente no livro intitulado *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá* (2011), que aborda as mudanças provocadas pelas redes digitais, na educação presencial e a distância, em todos os níveis de ensino. O livro apresenta o panorama da assimilação das transformações contemporâneas nas escolas, com as implicações junto aos professores e alunos. Nesta obra, o autor também descreve as etapas de apropriação das tecnologias pelas escolas, bem como o papel de professores e gestores nesse processo.

A perspectiva ajuda a pensar os processos contemporâneos de aprendizagem e seus desafios, suas dificuldades. Segundo o educador, há uma série de dificuldades para que ocorram mudanças na Educação e que essas mudanças sejam direcionadoras e geradoras de processos que façam mais sentido às pessoas envolvidas. Em síntese, ele se refere aos processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social; ao predomínio da mídia; à ênfase no intelectual, bem como à separação entre a teoria e a prática, entre “o pensar e o viver”. O autor sinaliza, ainda, para dificuldades no gerenciamento emocional, tanto no plano pessoal como no organizacional.

Além disso, Moran critica o que chama de uma lógica autoritária dos processos educacionais, defendendo uma transformação da educação, rumo a uma perspectiva mais humanista e integradora. Ele acredita que isso não é possível sem uma mudança radical na postura do professor, do educador. “O educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo, está atento ao que não sabe, ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a nossa ignorância, as nossas dificuldades” (MORAN, 1999, p.2).

Nas suas reflexões, o autor afirma que só é possível educar para a autonomia,

em processos, efetiva e fundamentalmente, participativos, interativos e libertadores.

Nesse sentido, diz que esses processos precisam respeitar as diferenças e se constituir em ações libertadoras que incentivem e gerem pessoas e organizações livres. Explica que muitos dos empecilhos dizem respeito ao autoritarismo da maior parte das relações humanas e interpessoais, grupais e organizacionais, salientando para o fato de que isso reflete nosso atraso individual e coletivo, no sentido de desenvolvimento humano, de equilíbrio pessoal e de amadurecimento social.

Moran defende a existência de administradores, diretores e coordenadores mais abertos, que entendam todas as dimensões que estão envolvidas no processo pedagógico. Afirma, no entanto, que as mudanças na educação dependem também de alunos motivados e curiosos, que estimulam as melhores qualidades do professor. Segundo ele, é possível e necessário o estabelecimento de parcerias entre os estudantes e o professor educador. “Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor”. O pesquisador defende a cumplicidade e o estabelecimento de relações ternas e capazes de gerar a confiança nas relações.

Chama a atenção, nos seus diversos textos e na sua prática de educador, o direcionamento para a compreensão da relação entre a educação e a vida. Quer dizer, o autor, o tempo todo, sinaliza para aspectos em que a educação precisa ajudar a viver melhor e a produzir uma vida melhor, que no que realmente é importante nessa vida. Nesse sentido, suas proposições se alinham a pensamentos como os de Paulo Freire, Jean Piaget e outros autores, que propõem uma educação transformadora e amorosa, também uma educação que ajude a dar esperança de alteração das condições de vida, uma educação a partir da produção da autonomia e da produção como motor do saber. Ele afirma, nesse sentido, que a questão fundamental é a interação humana, de forma colaborativa, entre alunos



e professores, de tal forma que o professor ajude a aprendizagem de conteúdos, mas, mais que isso, seja um elo para a compreensão maior da vida.

Essa discussão é feita a partir da compreensão da educação como “um processo gradual de aprender a discernir o que pode ajudar-nos a construir uma vida que valha a pena” (MORAN, 2011, p.73-74). Lembra também que a educação é um processo complexo, tenso, contraditório e permanente de tornar nossa vida mais rica, impactante e equilibrada entre conhecer, sentir, comunicar-nos e agir, ampliando nossa percepção de múltiplas camadas da realidade, nossa capacidade de acolher e amar, de enfrentar situações mais complexas, mais desafios e projetos.

### **Tecnologias na Educação**

Outra trilha importante, nos estudos de José Manuel Moran, é a que permite a compreensão da contribuição das tecnologias comunicacionais, no processo de educação. Neste caso, vale destacar o livro *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica* (2007), organizado por ele, em que apresenta a discussão sobre a introdução da informática e da telemática na educação. Nesta obra, José Moran faz uma abordagem sobre os aspectos desafiadores da integração e utilização do computador e da Internet na escola. Sua perspectiva pedagógica ajuda a refletir a respeito do papel do professor contemporâneo, nos contextos em que estão sendo incorporadas as tecnologias informacionais. Além desse livro, há uma gama de artigos sobre a temática, disponíveis em periódicos e na internet. “A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos.” (MORAN, 1999, p.5-6)

Com uma visão sem idealizações quanto às tecnologias, o pesquisador discute o processo de desenvolvimento do conhecimento, a partir do envolvimento do sujeito com algumas tecnologias. É o caso da televisão, por exemplo, tecnologia que marcou seus estudos.

Os Meios de Comunicação operam imediatamente com o sensível, o concreto, principalmente, a imagem em movimento. Combinam a dimensão espacial com a sinestésica, onde o ritmo torna-se cada vez mais alucinante (como nos videoclips). Ao mesmo tempo utilizam a linguagem conceitual, falada e escrita, mais formalizada e racional. Imagem, palavra e música se integram dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens. (MORAN, 1999, p.4)

Assim, o autor vai ensinando que as tecnologias informacionais vão envolvendo o receptor, pela sua dimensão múltipla e complexa, o que sinaliza para a importância de a educação também se orientar pela transcodificação, pelo acionamento dos sentidos, do sensível, de tal forma a envolver e mobilizar o estudante: “A relação com a mídia eletrônica é prazerosa - ninguém obriga - é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa - aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam” (MORAN, 1999, p.3-4).

É importante destacar a visão realista do pesquisador, a respeito do uso das tecnologias. Segundo ele, a tecnologia é um grande apoio de um projeto pedagógico que foca a aprendizagem ligada à vida, mas não é tudo. Sozinha não pode fazer o que tem que ser feito. É o que ele ressalta, por exemplo, com relação à internet: “A Internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade de aprender hoje, da troca, do estudo em grupo, da leitura, do estudo em campo com experiências reais” (MORAN, 2008, online). Para Manolo Moran, a questão fundamental continua sendo “interação humana”, de forma colaborativa,

entre alunos e professores. Explica que o professor precisa desempenhar adequadamente dois papéis: “ajudar na aprendizagem de conteúdos e ser um elo para uma compreensão maior da vida” (MORAN, 2008, online). Segundo ele, o desafio é criar situações desafiadoras de construção de projetos para que os estudantes utilizem seus vínculos com a tecnologia, para aprender dentro e fora da sala de aula.

As tecnologias devem ser utilizadas, também, para partilhar o saber, para estabelecer redes de saberes e de partilha de conhecimentos. Desse modo, os estudantes também tendem a se mobilizar, porque não estarão produzindo por produzir, mas para expor e tornar público seu saber. Moran destaca, neste sentido, a importância de uma concepção de aprender de forma cooperativa e não competitiva. “Hoje temos a possibilidade de os alunos participarem de ambientes virtuais de aprendizagem, tanto de uma forma simples, publicando um trabalho em uma página, quanto criando debates, fóruns ou listas de discussão por e-mail” (MORAN, 2008, online). O pesquisador afirma que o importante é o foco, que o aluno e o professor sejam estimulados a fazer parte de um espaço virtual de referência que disponibilize o que é feito em sala de aula. Ele acredita que essa área de visibilidade liberta a sala de aula do espaço e do tempo físico, o que também ajuda a ressignificar o aprendizado.

Moran chama atenção ainda para outro aspecto importante, em termos de uso das tecnologias para a Educação, que é a tendência e dispersão do estudante, diante de tantas possibilidades. O cenário contemporâneo é marcado por muitos, quase infinitos estímulos. Isso desorienta o estudante que, segundo ele, muitas vezes, não tem maturidade para fazer as escolhas e decidir por “onde navegar”. Mais uma vez, ele ressalta, então, o papel do professor como cúmplice do processo, procurando encontrar um meio termo, maneiras de estar ao lado, sem impor, mas também direcionando, orientando o percurso de

aprendizagem.

Do ponto de vista metodológico, procuro um equilíbrio: nem impor demais o processo, que amarra o aluno, nem deixar que as coisas aconteçam a seu bel-prazer. Eu trabalho com dois momentos. No primeiro, mais aberto, eu coloco um tema em discussão e o aluno procura a informação por si. Depois de um certo tempo, passamos a partilhar o resultado das pesquisas, focamos um determinado artigo ou outro material, para que não fique muito disperso (MORAN, 2008, online).

Em sua fala e em seus escritos, Moran ressalta o tempo todo o papel do professor, no uso das tecnologias. Ele também faz sugestões a respeito da preparação do professor para esse trabalho, já que, muitas vezes, o aluno tem mais informações e familiaridade com os novos dispositivos tecnológicos. Em termos de projeto coletivo de incorporação das tecnologias na educação, Moran afirma que o primeiro passo é facilitar o acesso dos professores e dos alunos ao computador e à Internet. Nesse sentido, defende que as escolas públicas precisam ter esse acesso garantido para não ficarem condenadas ao analfabetismo tecnológico. Depois, como segundo passo, diz que é preciso familiarizar os sujeitos envolvidos – professores e alunos - com o computador, com seus aplicativos e com a Internet. Com esses passos trabalhados, Moran entende que é possível avançar para auxiliar os professores na utilização pedagógica da Internet e dos programas multimídia.

### **Educação a Distância**

José Moran é hoje uma das grandes referências nacionais sobre o Ensino a Distância. Sua larga experiência na área foi construindo parte do que se entende hoje, no Brasil, como possibilidades do ensino dessa forma. Na verdade, a discussão entre distância e proximidade é bastante significativa em sua obra, quando se

compreende que a distância física, possível com o uso das tecnologias da comunicação, precisa e pode ser superada por uma aproximação sensível e marcada pelo comprometimento mútuo entre educadores e educandos. Nesse sentido, estar próximo do aluno é mais desafiador do que estar “ao lado” fisicamente. No conjunto da produção teórica de Moran, Educação a Distância: pontos e contrapontos (2011) é o livro que marca a discussão sobre essa trilha de abordagem.

Ao projetar a temática, o pesquisador afirma que cada vez mais as experiências na Educação serão híbridas, mesclando situações presenciais e a distância, graças à utilização dos recursos tecnológicos. Essa possibilidade atende às características do nosso tempo, marcado pela complexidade das cidades, dos deslocamentos, a exiguidade de tempo de cada pessoa, o exaurimento de recursos e a sobrecarga populacional das grandes cidades, com seus grandes problemas. Assim, cada vez mais, encontrar-se, nas grandes cidades, passa também por encontrar-se virtualmente, não necessariamente presencialmente. Isso é válido também para a educação.

Moran lembra que a educação a distância não é algo novo. Desde o século XIX, já existiam experiências, por correspondência. Depois, com a industrialização da comunicação, as possibilidades foram se ampliando e se diversificando, atingindo uma mídia massiva, como a televisão. Agora, com a internet e as sofisticadas tecnologias de interação e estabelecimento de redes midiáticas e fluxos informacionais, a educação a distância se transforma, cada vez mais, em uma experiência complexa e múltipla. O pesquisador lembra que existem várias modalidades, atingindo diversos níveis e públicos: pela internet, com o apoio de material impresso e tutorias; com o trabalho do professor através de teleaulas. Ele afirma que há projetos de grande abrangência, em alta escala, com cursos simultâneos em cada vez mais cidades – projetos em escalas nacionais e internacionais.

José Moran destaca o fato de que os projetos atendem a um público diversificado,

de alta e baixa renda, em processos de ensino-aprendizagem voltados a conhecimentos gerais ou específicos. Há possibilidade de educação via WEB, com momentos presenciais intercalados aos encontros virtuais. Isso atende às condições de um país continental, com concentração populacional e de projetos de educação no eixo sul-sudeste. Desse modo, amplia-se a difusão de conhecimento e consegue-se atender, mais amplamente, outros centros urbanos e regiões do país. Ele ressalta, ainda, os projetos específicos, focados em algumas temáticas e áreas de conhecimento, lembrando que a educação a distância, atualmente, é uma realidade que não pode ser negada pelas instituições de ensino. Mais que isso, alerta para o fato de que uma das grandes possibilidades é o surgimento de parcerias interinstitucionais, que são possíveis desde que sejam vencidos alguns desafios iniciais de relação entre as organizações e ajustes tecnológicos. Moran é enfático, quando sentencia: “A educação a distância é o futuro, tanto do país quanto do mundo”.

### **Desafios na Comunicação Pessoal**

Em um mundo com tantas tecnologias e transformações decorrentes da complexificação do tecido social, das relações socioeconômicas e políticas, da exacerbação da dimensão virtual da existência, o pesquisador José Moran chama a atenção também para os desafios da comunicação pessoal. Ele afirma que esses múltiplos fatores dificultam, muitas vezes, os laços mais próximos, gerando afastamentos, separações, não acolhimentos vários. Além dos vários artigos sobre o assunto, o livro *Desafios na Comunicação Pessoal* (2007), constitui-se uma referência de destaque, chamando a atenção para aspectos cotidianos que, muitas vezes, comprometem as relações pessoais. Coerente com sua produção ligada à comunicação e educação, o pesquisador ressalta a importância da confiança, nas relações pessoais e de uma atenção

constante, para aproveitar o tempo e valorizar as relações mais próximas, enfrentando, de forma cúmplice e companheira, os desafios do cotidiano, as situações inusitadas, as intempéries. “É um mix de intuição inicial com avaliação continuada, indispensáveis ambas para tomar decisões mais confiáveis em um campo tão movediço como o dos sentimentos e afetos”, afirma Manolo, em seu texto *Conviver com pessoas muito especiais* (MORAN, 2012, p.2).

Interessante também é a abordagem sobre o que o autor chama de narcisismo esquizofrênico, para se referir à tendência exibicionista dos sujeitos, nas redes, e à altíssima demanda de contatos, de focos de atenção. Ele ressalta que esses fatores criam um ambiente não propício para as relações pessoais, que se veem comprometidas com a falta de escuta, a falta de tempo, a falta de calma, que marca o sujeito contemporâneo. O autor se refere a um “deslumbramento exibicionista” de muitas pessoas, que se apressam em postar fotos e mais fotos, textos e demais expressões, que parecem dizer o tempo todo que elas estão felizes e são bem sucedidas. Muito se mostra, pouco se escuta. Segundo ele, são muitas postagens e pouca leitura, pouca disposição para realmente saber do outro, para saber o que o outro está dizendo, sentindo, vivendo. Isso se expressa na rede e, ainda mais, é transferido pelas as relações presenciais, que, de acordo com Moran, precisam ser mais valorizadas.

“No mundo agitado, é difícil, mas fundamental, achar tempo também para prestar atenção à comunicação mais profunda, interna, às mensagens que fluem do nosso interior, da nossa intuição.” (MORAN, 2012, p.2). Interessante que o pesquisador consegue aliar, em suas abordagens, a discussão sobre os rumos estratégicos da comunicação e da educação, como gestor e consultor de um grande grupo educacional, à preocupação com os níveis sutis da comunicação, com a “volta para o si mesmo”, com os mergulhos profundos, que podem também orientar a comunicação e a educação do futuro.

O reconhecimento de que as relações pessoais e as transformações do ambiente social estão conectadas é outro aspecto que se destaca nos textos do autor. Suas reflexões sobre a mudança, os desafios, as condições criadas por uma sociedade em rede ajudam também a compreender as expressões dessa nova “ambiência”.

Há formas novas de ação, de mobilização. É interessante observar como grupos marcam encontros para ações chamativas, momentâneas ou para os chamados *flashmobs*, em que, convocados pelo celular e pela internet, se reúnem para atos políticos momentâneos, mobilizando milhares de pessoas rapidamente em prol de causas específicas. (MORAN, 2007, p.186)

Moran se refere a um dos seus principais suportes teóricos, Carl Rogers, para afirmar a importância do trabalho em grupo, em equipes, orientado por uma visão humanista das relações, de valorização de cada sujeito envolvido. Nesse sentido, seu texto sobre os desafios da comunicação interpessoal é emblemático e provoca a reflexão quanto aos rumos das relações e dos vínculos. O autor tem um tom reflexivo e esperançoso.

As mudanças não se fazem por decreto, mas sim pela percepção do seu valor. E hoje há uma consciência bastante difundida de que o caminho é pela competência, pela interação, pela cooperação. É todo um processo de aprendizagem, de evolução e de mudança, cheio de marchas e contramarchas, de acertos e dificuldades. Mas vale a pena tentá-lo. (MORAN, 2007, p.190)

## **Produção bibliográfica<sup>2</sup>**

Livros publicados/organizados ou edições

MORAN COSTAS, José Manuel. A Educação que desejamos: Novos desafios



e como chegar lá. 5ª. ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2012. 174p.

VALENTE, J. A.; ARANTES, V. A.; MORAN COSTAS, José Manuel. Educação a Distância: Pontos e Contrapontos. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. (Orgs.). Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 21ª. ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2013. 173p.

MORAN COSTAS, José Manuel. Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. 246p.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. (Orgs.). Integração das Tecnologias na Educação. Brasília: MEC-SEED, 2005.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. Cambios en la comunicación personal. 2ª. ed. Bogotá: San Pablo, 2004.

2. Fonte: currículo Lattes de José Manuel Moran Costas, consultado em jan.2014.

MORAN COSTAS, José Manuel (Org.). Novas tecnologias e mediação pedagógica. 5ª. ed. Campinas: Papyrus, 2002. 176p.

MORAN COSTAS, José Manuel. Mudanças Na Comunicação Pessoal; Gerenciamento Integrado da Comunicação Pessoal, Social e Tecnológica. 2ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. 192p.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. Leituras dos Meios de Comunicação. São Paulo: Pancast Editora, 1993. 216p.

MORAN, J. M; MORAN COSTAS, José Manuel. Como Ver Televisão. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. 96p.

#### Capítulos de livros publicados

MORAN COSTAS, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN Costas, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. (Org.). Novas tecnologias e mediação pedagógica.

21ªed. Campinas: Papirus editora, 2013, p. 11-65.

MORAN, J. M.; MORAN COSTAS, José Manuel. A Educação a Distância, mais focada em Pesquisa e Colaboração. In: SELMAR R. FIDALGO, Fernando. (Org.). Educação a Distância: Meios, Atores e Processos. 1ªed. Belo Horizonte: CAED-UFMG, 2013, p. 39-51.

MORAN COSTAS, José Manuel; ARREDONDO, S. C. Como formar professores de Educación Secundaria en el mundo digital: Propuestas desde Brasil. In: CASTILLO ARREDONDO, Santiago (Org.). El profesor de secundaria para el siglo XXI. 1ed. Madri: UNED Editorial, 2013, p. 139-147.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. Questões controversas na legislação atual da educação a distância. In: Fátima Bayma de Oliveira. (Org.). Desafios da Educação: contribuições estratégicas para o ensino superior. 1ªed. Rio de Janeiro: E-papers: Fundação Getúlio Vargas, 2009, p. 141-148.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. Desafios dos educadores com as tecnologias. In: Júlio Clebsch. (Org.). Educação 2009 - As mais importantes tendências na visão dos mais importantes educadores. 1ªed. Curitiba: Multiverso, 2009, p. 173-177.

MORAN COSTAS, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: CLEBESCH, Júlio. (Org.). Educação 2008 - As mais importantes tendências na visão dos mais importantes educadores. 1ªed. Curitiba: Multiverso, 2008, p. 196-199.

MORAN COSTAS, José Manuel. As muitas inclusões necessárias na Educação. In: Darcy Raiça. (Org.). Tecnologias para a educação inclusiva. 1ªed. São Paulo: Avercamp, 2008, p. 35-54.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. A pedagogia e a didática na educação on-line. In: VIDIGAL DA SILVA, Ricardo (Org.). (Org.). Educação, Aprendizagem e Tecnologias. 1ªed. Lisboa, Portugal: Edições Silabo, 2005, p.

67-93.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In: Marco SILVA (Org.). (Org.). Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo- SP: Edições Loyola, 2003, p. 39-50.

MORAN COSTAS, José Manuel. Gestão Inovadora com Tecnologias. In: VIEIRA, Alexandre, ALMEIDA, Maria Elizabeth e ALONSO, Myrtes. (Org.). Gestão Educacional e Tecnologia. 1ed. São Paulo: Avercamp, 2003, p. 151-163.

MORAN COSTAS, José Manuel. A educação superior a distância no Brasil. In: SOARES, Maria Susana Arrosa. (Org.). A educação superior no Brasil. 1ª ed. Brasília: CAPES-UNESCO, 2002, p. 251-274.

MORAN COSTAS, José Manuel. Gestão inovadora com tecnologias. In: MEC-SEED & PUC-SP. (Org.). Formação de Gestores Escolares para a Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação. São Paulo: Takano editora, 2002, p. 63-70.

MORAN COSTAS, José Manuel. Novos desafios na educação. In: Tânia Maria Esperon Porto. (Org.). Saberes e Linguagens de Educação e Comunicação. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária - UFPEL, 2001.

MORAN COSTAS, José Manuel. A Educação Ambiental na Internet e em CD-ROM. In: TRAJBER, Rachel; BARBOSA da Costa, Larissa. (Org.). Avaliando a Educação Ambiental no Brasil - Materiais audiovisuais. São Paulo: Editora Peirópolis, 2001.

MORAN COSTAS, José Manuel. Linguagem da TV e novos modos de compreender. In: Leda Maria R. Fiorentini. (Org.). TV na Escola e os desafios de hoje. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 33-44.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. A Internet no ensino da

Comunicação. In: Margarita Ledo Andión; Margarida Krhling Kunsch. (Org.).  
Comunicación Audiovisual: Investigación y formación universitarias. Santiago  
de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1999, p. 429-435.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. A Tecnologia de Ponta e A  
Comunicação Professor-Aluno. Comunicação e plano decenal de educação:  
rumo ao ano 2003. 1ed. Brasília: MEC, 1996.

MORAN, J. M.; MORAN COSTAS, José Manuel. Por Que Educar Para La  
Comunicacion? La revolución de los medios audiovisuales. Madri: Ediciones  
de la Torre, 1993, p. 45-48.

MORAN, J. M.; MORAN COSTAS, José Manuel. Televisão. Temas básicos  
em comunicação. São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 69-73.

MORAN, J. M.; MORAN COSTAS, José Manuel. A Pesquisa Sobre Televisão.  
Pesquisa em comunicação no Brasil: tendências e perspectivas. São Paulo:  
Cortez, 1982, p. 34-42.

MORAN, J. M.; MORAN COSTAS, José Manuel. A Comunicação Populista:  
Totalitarismo e Políticas de Comunicação; O Referencial Nazi-Fascista. populismo  
e comunicação. São Paulo: Cortez, 1981, p. 77-83.

#### Referências

MORAN COSTAS, José Manuel. Educação Humanista Inovadora. Disponível  
em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/>>. Acesso em: ago a nov.2013b.

MORAN COSTAS, José Manuel. A Internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá  
conta da complexidade do aprender. Entrevista. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0025.asp>>. Educacional, [s.l], 24  
abr.2008. Acesso em: 24 ago.2013.

Entrevista - Professor Doutor José Manuel Moran Costas. Colabor@ - Revista  
Digital da CVA - Ricesu, v. 3, n.12, out.2006

MORAN COSTAS, José Manuel. O Uso das Novas Tecnologias da Informa-

ção e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios. Palestra no evento “Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes”, COPEAD/SEED/MEC, Belo Horizonte e Fortaleza, 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>>. Acesso em: 27 ago.2013.

MORAN COSTAS, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5 ed. São Paulo: Papirus, 2012.

MORAN COSTAS, José Manuel. Educação a Distância: pontos e contrapontos. São Paulo: Papirus Editorial, 2011.

MORAN COSTAS, José Manuel. Desafios da Comunicação a Distância no Brasil . RCN. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/desafios\\_ead.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/desafios_ead.pdf)>. 05 jan.2012. Acesso em: 05 set.2013.

MORAN COSTAS, José Manuel. Desafios na Comunicação Pessoal. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MORAN COSTAS, José Manuel (Org.). Integração das Tecnologias na Educação. Brasília: MEC-SEED, 2005. v.1.

MORAN COSTAS, José Manuel. Cambios en la Comunicación Personal. 2. ed. Bogotá: San Pablo, 2004.

MORAN COSTAS, José Manuel. Mudanças na Comunicação Pessoal: Gerenciamento Integrado da Comunicação Pessoal, Social e Tecnológica. 2. ed. São Paulo - Sp: Paulinas, 2000.

MORAN COSTAS, José Manuel. Leituras dos Meios de Comunicação. São Paulo: Pancast Editora, 1993. v. 01.

MORAN COSTAS, José Manuel. Como ver Televisão. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

MORAN COSTAS, José Manuel. Educar para a Comunicação: Análise das experiências latinoamericanas de leitura crítica da comunicação. 1987. Tese (Doutorado) em Ciência da Informação - Universidade de São Paulo, USP, Brasil. 1987.

MORAN COSTAS, José Manuel. Contradições e Perspectivas da Televisão Brasileira. 1982. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Rádio e Televisão, 1982.

MORAN COSTAS, José Manuel (Org.); MASETTO, M. T. (Org.);

BEHRENS, M. (Org.). Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 21. ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2013.

MORAN COSTAS, José Manuel: depoimento [2013]. Entrevistadora: Maria Luiza Cardinale BAPTISTA. Entrevista via Skype, 2013.